

Saldo positivo no emprego volta em fevereiro	01
Saldo positivo de contratações ainda não pode ser considerado tendência	02
Crise Global: O tamanho do rombo	02
França paralisada pela greve geral	03
Lula pretende se transformar em interlocutor dos EUA	04

INTERNACIONAL

Saldo positivo no emprego volta em fevereiro

O saldo entre contratações e demissões no mercado formal de trabalho em fevereiro foi positivo "em não mais que 20 mil vagas", disse o ministro do Trabalho, Carlos Lupi. Os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) serão divulgados hoje e, apesar da recuperação do emprego ter chegado um mês antes da previsão feita pelo governo, o ministro reconheceu que a indústria continua com problemas.

Embora o resultado seja modesto, fevereiro interrompe três meses seguidos de saldos negativos no Caged. Em novembro do ano passado, a queda do emprego celetista no Brasil foi de 40.821 postos de trabalho. Em dezembro, foi quebrado o recorde negativo, com perda de 654.946 vagas. Em janeiro, mais um saldo negativo de 101.748 empregos.



Na visão do ministro do Trabalho, o mais importante é que "a curva mudou". Ele explicou que, em janeiro, o Caged registrou 1,2 milhão de contratados, contra 800 mil em dezembro. As demissões somaram 1,45 milhão em dezembro, contra 1,3 milhão em janeiro. Lupi disse que essa tendência de redução de demissões e aumento das contratações se manteve e, por isso, fevereiro terá resultado positivo, apesar da pequena margem de 20 mil vagas.

Na análise dos números, o ministro disse que educação e serviços foram os setores que mais recuperaram a oferta de postos de trabalho, mas admitiu que ainda há problemas na indústria e que o Estado de São Paulo continua com saldo negativo nesse setor, embora o número seja bem menor que o anterior. "O mercado está reagindo bem e março terá uma recuperação forte", disse.

O Caged, em janeiro, mostrou que a indústria da transformação perdeu 55.130 vagas. Apenas os segmentos de calçados/borracha e fumo/couros tiveram saldos positivos, com criação de 880 e 176 postos de trabalho, respectivamente. O pior desempenho foi nas indústrias metalúrgicas, com saldo negativo de 12.028 empregos no primeiro mês de 2009. Em ordem decrescente, as outras perdas foram nos segmentos de materiais de transporte (11.732), alimentos e bebidas (8.794), materiais elétricos e de comunicações (4.832), mecânico (4.563), têxtil e vestuário (4.359), químicos e farmacêuticos (3.887), madeira e mobiliário (2.481), minerais não metálicos (1.936) e papel/papelão (1.574).

Em termos geográficos, o Caged apurou que, em janeiro, o Estado de São Paulo teve saldo negativo de 38.676 vagas. No primeiro mês deste ano, a maior eliminação de empregos foi, no cenário paulista, na indústria da transformação, com perda de 20.804 postos de trabalho. Em seguida, os piores desempenhos de janeiro foram do comércio (12.576) e agropecuária (11.975). No lado oposto, ficou a construção civil no Estado de São Paulo, com a criação de 6.154 empregos.

Em dezembro, mês que teve o pior resultado da história do Caged, São Paulo perdeu 285.532 vagas. Todos os segmentos tiveram saldos negativos no mês, com destaque para indústria da transformação (129.247), agropecuária (65.761), serviços (51.423), administração pública (15.472), construção civil (14.694) e comércio (8.845). (Arnaldo Galvão) (Valor Econômico, 18.03.2009)

Saldo positivo de contratações ainda não pode ser considerado tendência

Para o secretário-geral da Central Única dos Trabalhadores (CUT) em São Paulo, Adi Lima, o saldo positivo de pouco mais de 9 mil contratações com carteira assinada no mês de fevereiro, divulgado no dia 18 último pelo Ministério do Trabalho, mostra que o mercado de trabalho começa a se normalizar, depois de três meses seguidos de demissões. No entanto, Lima acha também que é precipitação falar em tendência positiva para os próximos meses.

“O número ainda é modesto, é singelo, mas é um bom sinal diante da crise mundial. O Brasil está contratando; Europa e Estados Unidos estão demitindo”, afirmou. “Dizer que esse saldo é uma tendência de alta ainda é muito precipitado, mas nós estamos com uma avaliação de que o segundo semestre do ano será certamente melhor.”

De acordo com o sindicalista, apesar de alguns setores, como o de ensino, terem mostrado aumento do número de contratações, ainda é preciso que a indústria volte a contratar. “Esse setor tem peso significativo no mercado de trabalho, com a construção civil e a indústria automobilística”, disse Lima.

O economista da Federação do Comércio de São Paulo (Fecomercio) Fábio Pina disse que é preciso ver o comportamento das contratações nos próximos meses. “É uma notícia positiva, melhor do que as que vínhamos tendo, mas é preciso esperar os próximos meses para confirmar uma eventual reversão [da tendência de queda]. A gente troce para que seja isso, mas pode ser também um ponto fora da curva”, afirmou Pina.

Segundo ele, para que o número de contratações continue crescendo, é preciso que haja um aquecimento da economia. Então, pode até ser possível criar 100 mil empregos no mês de março, como afirmou hoje o ministro do Trabalho, Carlos Lupi, ressaltou o economista. No entanto, mais importante do que o número de empregos é a manutenção do saldo positivo, acrescentou.

“Mais importante do que criar 100 mil ou 50 mil [empregos] é que em março continuemos com geração positiva. Evidentemente, é melhor 100 mil do que 50 mil e do que 10 mil. Contudo, se criarmos 10 mil ou 20 mil empregos em março, vai começar a se consolidar um momento de virada, e isso é o mais importante.”

Conforme dados divulgados hoje pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho, em fevereiro deste ano, foram criados 9.179 postos de trabalho com carteira assinada. No mês, foram contratadas 1,23 milhão de pessoas e demitidas 1,22 milhão. *(Roberta Lopes) (Agência Brasil, 18.03.2009)*

Crise Global: O tamanho do rombo

“Os prejuízos são da ordem de US\$ 1 trilhão (795 bilhões de euros, 725 bilhões de libras esterlinas), segundo o Instituto de Finanças Internacionais, o grupo de Washington vinculado aos lobbies das instituições bancárias. O Banco da Inglaterra diz que os prejuízos dos bancos que tiveram que reajustar os seus investimentos para preços de mercado são de US\$ 3 trilhões, o equivalente a cerca de um ano de produção econômica do Reino Unido. Na segunda-feira (09/03), o Banco de Desenvolvimento Asiático estimou que os ativos financeiros em todo o mundo podem ter sofrido uma queda, até o presente momento, de mais de US\$ 50 trilhões - um número equivalente à produção global anual.” *(Crise global foi causada por "criação destrutiva", Financial Times, 10.03.2009)*

França paralisada pela greve geral

Esta quinta-feira teve lugar na França a segunda greve geral em menos de dois meses. Os sindicatos reivindicam mais apoio ao emprego e ao poder de compra da população e as sondagens indicam o apoio massivo do país aos grevistas. As mais de 200 manifestações previstas vão juntar milhões de trabalhadores nas ruas, mas o governo avisa que não aumentará o pacote de ajudas às vítimas da crise e do desemprego.



Ao início do dia, as complicações já afetavam o sistema de transportes com o aeroporto de Orly a anular um terço dos voos e os ferroviários a anunciarem uma adesão semelhante à da última greve. Os atrasos e complicações nos transportes estendem-se às principais cidades.

Os trabalhadores da **Caterpillar** de Grenoble ocuparam a fábrica em protesto contra o anúncio do despedimento de 733 trabalhadores e os mil trabalhadores da fábrica Continental em Clairoix, ameaçada de encerramento e que se tornou num dos símbolos da crise, desfilaram em protesto logo pela manhã.

A grande mudança em relação a anteriores protestos é o clima de apoio ao protesto que atravessa a sociedade. Numa sondagem publicada pelo jornal Liberation, 62% dos inquiridos (e 42% dos eleitores de Sarkozy) dizem-se "solidários" com a greve. Quando a pergunta é se os motivos justificam a greve, o apoio sobe para 78% (53% dos apoiantes do partido do governo).

A crise e o desemprego que afetou mais 90 mil franceses só em Janeiro - o dobro do mês anterior - estão a fazer soar as campainhas de alarme na sociedade francesa. Depois da greve geral de 29 de Janeiro, que juntou mais de um milhão nas manifestações de protesto, o governo Sarkozy apresentou um pacote de ajuda de 2,6 mil milhões de euros, por entre benefícios fiscais e medidas parcelares de apoio ao emprego. Mas na véspera do novo protesto, o governo de direita fez questão de dizer que não irá ampliar a ajuda às vítimas da crise. Mas o pacote é insuficiente para estabilizar a economia e o emprego, pelo que os sindicatos insistem em que não devem ser os trabalhadores a pagar a crise. Nas últimas semanas, a notícia do despedimento de 555 trabalhadores da petrolífera Total, pouco depois da empresa ter apresentado lucros de 13,9 mil milhões de euros, incendiou ainda mais os ânimos dos franceses e fez aumentar o apoio aos grevistas.

O protesto social não é exclusivo dos trabalhadores e mesmo entre estes, a novidade é a forte adesão do setor privado, tradicionalmente avesso às greves nacionais convocadas pelos sindicatos. Desta vez, os trabalhadores do setor automóvel e de outras grandes empresas privadas vão engrossar ainda mais as manifestações. Também as faculdades francesas estão há meses a protestar contra a reforma do ensino superior, com metade das universidades do país em greve nos últimos dias.

Os líderes da oposição de esquerda estarão presentes na manifestação de Paris, com o PS representado pelo presidente da Câmara Bertrand Delanoë. Também Olivier Besancenot, do Novo Partido Anticapitalista, desfilará junto dos carteiros de Hauts-de-Seine antes de se juntar ao cortejo do partido. A secretária-geral do PCF Marie-George Buffet e o líder do Partido de Esquerda Jean-Luc Mélenchon estarão juntos na manifestação, tal como nas próximas européias. A lista Europe-Ecologie, que junta Daniel Cohn-Bendit a José Bové, também integrará o protesto desta quinta-feira. (*A Esquerda.Net*, 19.03.2009)

Milhares protestam em Barcelona contra crise econômica

Milhares de pessoas protestaram neste sábado, em Barcelona, contra a ação do governo espanhol para enfrentar a crise econômica.

A manifestação, convocada pelos dois principais sindicatos de trabalhadores, a UGT e o CCOO, reuniu cerca de 50 mil pessoas, segundo seus organizadores.

O líder da UGT-Cataluña, Josep Maria Alvarez, disse que o protesto foi "um toque de atenção para o governo" do socialista José Luis Rodríguez Zapatero.

"As medidas promovidas até o momento pelo governo são claramente insuficientes e parciais, chegam tarde e são excessivamente lentas na hora de sua aplicação".

A Espanha entrou em recessão no quarto trimestre de 2008, com queda de 1% do PIB sobre o trimestre anterior. A taxa de desemprego atingiu 13,9%, a mais elevada dos 27 países da União Européia. (*France Presse*, 14.09.2009)

Transcrevemos abaixo duas matérias do jornal espanhol *El País* - a primeira delas um editorial do jornal. Na semana anterior o articulista Javier Lafuente referindo-se ao Conselho de Defesa Unasul, chamou o nosso presidente de "um grande estrategista geopolítico" (em **Exércitos da América do Sul se unem para colaborar pela primeira vez**). E anteriormente o jornal publicou outro artigo de interesse e autoria de Francho Baron: **Obama quer o petróleo de Lula**.

Lula pretende se transformar em interlocutor dos EUA representando a América Latina

Eles se conheceram por telefone quando Barack Obama acabava de ser eleito presidente dos EUA, e contam que na conversa, que durou 25 minutos, decidiram tratar-se informalmente. Eu Barack, você Lula. E no último fim de semana o presidente brasileiro foi o primeiro líder latino-americano recebido na Casa Branca por um presidente em exercício, em meio a jubilosas e mútuas declarações sobre a aliança estratégica entre os dois colossos do continente americano.

Chegar entre os primeiros a um encontro com um presidente dos EUA debutante é como uma condecoração. Para manter equilíbrios, no entanto, o presidente mexicano, Felipe Calderón, havia de certo modo se antecipado a Lula, ao visitar Obama quando este ainda não tinha assumido o cargo; e o primeiro-ministro britânico, Gordon Brown, não teria suportado não ser o primeiro europeu a cumprimentar o líder democrata, como parece que manda a reiterada "relação especial" entre Washington e Londres.



E, sim, entre os EUA de Obama e o Brasil de Lula podem se estabelecer o cimento de uma aliança estratégica, mas não porque faltem empecilhos. Lula já tinha boa relação com o antecessor de Obama, o republicano conservador George W. Bush, baseada em que o esquerdismo moderado do brasileiro contrastava positivamente com o modelo do venezuelano Hugo Chávez. Mas esse era o limite. O grande projeto de Brasília, a construção de uma América Latina sem os EUA como poder tutelar, e na qual o "primeiro entre iguais" fosse ela mesma, não pode deixar indiferente nenhum titular do Salão Oval.

E nesse processo Lula precisa que Washington deponha pelo menos em parte sua oposição a Chávez e ao presidente boliviano, Evo Morales, para o que é verdade que ambos poderiam contribuir usando com maior prudência a palavra; mas sobretudo que Obama admita o pleno reingresso de Cuba nos assuntos públicos e diplomáticos do hemisfério. Obama foi muito cauteloso, adiantando que haveria diálogo e suavização do embargo, mas não se trata da absoluta normalização política com o regime castrista.

E o mundo não pode senão se felicitar por tudo isso. Cuba é um assunto que compete aos cubanos, e a tensão gerada pela guerra de Bush contra o terror mais estimulava que aplacava a violência. Obama aponta para algo muito diferente. (Tradução para o UOL de Luiz Roberto Mendes Gonçalves) (Editorial de *El País*, 17.03.2009)

Lula pode ser o melhor trunfo de Obama para nova política com a América Latina

A América Latina surge timidamente com um pequeno brilho no radar da presidência Obama. Ao mesmo tempo, os enviados dos grandes do mundo, seus ministros da Economia e os presidentes dos Bancos Centrais, estarão no sábado em Londres para preparar a importante reunião do G20 ampliado de 2 de abril próximo. Nessa data o presidente dos EUA estará em pessoa na Europa, o continente que suspira por ele.

Mas também neste sábado Obama recebe em Washington o primeiro presidente latino-americano desde que chegou à Casa Branca, há 52 dias. E o escolhido não é o México. O carismático presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, é o primeiro interlocutor do presidente da reforma dos EUA. O Brasil, por seu peso econômico - tem muito petróleo -, sua solidez institucional, sua capacidade de ser respeitado no hemisfério, pode ser o melhor trunfo de Obama para iniciar uma nova política de compromisso com a América Latina.

>>>>>

A mensagem que Lula leva à Casa Branca é tripla. Brasília não crê no modelo tradicional das relações entre o sul e o norte do continente, em que cada país constrói sua relação bilateral com Washington. Embora não seja partidário de que a América Latina jogue como um bloco único, que não é, está promovendo uma maior multilateralidade.

Em segundo lugar, Lula está convencido de que as melhores relações dos EUA com a América Latina passam por uma abertura com Cuba. Em consequência, a questão cubana não é um assunto que deve ser resolvido só entre Washington e Havana. É um assunto hemisférico que compete a toda a América Latina. A mensagem é clara: senhor Obama, vamos tirar Cuba do isolamento, ela deve voltar à OEA de onde foi expulsa, reintegrando-se à comunidade latino-americana. Mas o senhor tem de nos ajudar, atenuando ou suspendendo o embargo.

O presidente deu um passo insuficiente ao favorecer as viagens dos cubano-americanos a Cuba. Em meados de abril Obama irá à ilha de Trinidad (Caribe) para a Cúpula das Américas. Cuba não estará presente este ano, mas Washington vai aproveitar a oportunidade para apresentar sua política latino-americana, que, previsivelmente, passará em médio prazo por contatos diretos com o governo de Raúl Castro. Sem condições prévias, como pede Raúl?

Antes de voar para Washington, o presidente brasileiro declarou que "não podemos fazer política no século 21 baseando-nos no que ocorreu no século 20", em uma clara referência ao embargo. Obama não pensa de maneira muito diferente. Nos EUA calou a idéia de que o embargo, e não bloqueio, que só existiu durante a crise dos mísseis de 1962, decretado por Eisenhower em outubro de 1960, depois da nacionalização por Fidel sem qualquer indenização dos interesses econômicos americanos na ilha, é uma torpeza humanitária e estratégica que não serviu para promover a democracia.

Obama nem tinha nascido quando foi decidido. Em terceiro lugar, Lula, a pedido de Hugo Chávez, apresentará a Obama o desejo da Venezuela de se aproximar de Washington. É importante essa passagem de Lula por Washington, onde não esquecerá de advertir contra o protecionismo, porque o líder brasileiro se sentará com Obama em Londres na cúpula do G20, não só como representante do Brasil mas como porta-voz dos países emergentes em desenvolvimento.

Não está ruim esta primeira aparição da América Latina na política externa nascente de Obama, sobretudo levando-se em conta que está longe das prioridades do novo presidente. Barack tem bastante para responder à pergunta, já formulada por Vargas Llosa a Zavalita, sobre o Peru, em sua novela "Conversa na Catedral: Quando o capitalismo se f...?" E, sobretudo, tirar conclusões e agir com decisão e rapidez para deter a brutal recessão mundial. E fazê-lo concertadamente com a Europa, a quem Washington solicita mais madeira para queimar no resgate bancário. A Europa não vê as coisas tão claras e pensa em quem vai pagar a conta futura do acúmulo dos déficits públicos se continuar atirando dezenas de bilhões de euros em estímulos fiscais.

Também esta semana o Banco Mundial decretou estatisticamente que o mundo em 2009 entrou em sua primeira recessão planetária desde o final da Segunda Guerra Mundial. Me impressionou, por seu realismo, a afirmação do ministro holandês das Finanças, de que pela primeira vez desde 1945 temos uma geração que duvida seriamente se a próxima viverá melhor que ela. Imaginam Solbes dizendo algo semelhante? Apesar de a vice-presidente Fernández de la Vega ter metido o dedo no olho da equipe econômica de Zapatero: "Mas não percebem o que está acontecendo?"

Os sinos dobram por nós, por nosso sistema de vida, pela arquitetura mundial fabricada exclusivamente por e para o Ocidente. Esse sistema herdado do pós-guerra de 1945 está esgotado, e talvez uma das oportunidades derivadas da atual recessão/depressão possa ser a reinvenção de outro, novo, não tributário do século passado, que desta vez deverá levar em conta os outros: Brasil, Índia, África do Sul... Instituições que reflitam a nova globalidade. Ao que se deveriam somar líderes globais, só me ocorre Obama, e um novo pensamento que entenda a possibilidade de que surjam cisnes negros. *(Tradução para o UOL de Luiz Roberto Mendes Gonçalves)* *(El País, 14.03.2009)*